

## **Ensino de Línguas Estrangeiras através da Literatura: O contexto em textos literários**

Prof. Dr. Rafael Ferreira da Silva<sup>1</sup>

### **Resumo:**

*A língua codifica no seu léxico, nas formas lingüísticas e nas suas estruturas gramaticais, ao mesmo tempo, as experiências históricas do grupo, os valores em que isto se reconhece, as suas maneiras de viver e de pensar, os modelos culturais que assinalam e dirigem o seu caminho na História. A questão da contextualização chega à esfera da identidade subjetiva, presente pelos fatores trazidos com o aprendiz de língua estrangeira. A atividade didática tem o objetivo, portanto, de indicar nas palavras da língua, o poder de síntese cultural que possuem, o confronto de modelos de organização social de vida em que as palavras se unem, pois o elemento cultura vai transparecer nesse registro escolhido, aprendido e falado pelo aluno*

**Palavras-chave:** ensino, língua, contexto, literatura, cultura

### **Introdução**

A língua é muito mais complexa do que se pode imaginar, pois nela estão presentes vários aspectos aos quais deve ser dada a merecida atenção. É um produto da cultura, o mais extraordinário produto cultural do grupo que a fala. Ao mesmo tempo, codifica no seu léxico, nas formas lingüísticas e nas suas estruturas gramaticais as experiências históricas do grupo, os valores em que isso se reconhece, as suas maneiras de viver e de pensar, os modelos culturais que assinalam e dirigem o seu caminho na História.

A questão da contextualização ultrapassa os limites da localização no discurso até chegar à esfera da identidade subjetiva, presente pelos fatores trazidos com o aprendiz de língua estrangeira. A contextualização funciona como uma alavanca motriz que lhe permite reconhecer/dominar a situação expressa no momento da aprendizagem. É mais coerente para o aluno quando o que está sendo aprendido faz sentido de maneira global, quando o *input* está bem situado dentro de um contexto compreensível para ele.

A atividade didática tem, portanto, o objetivo de indicar nas palavras da língua, o poder de síntese cultural que possuem, o confronto de modelos de organização social de vida em que as palavras se unem, pois o elemento cultura vai transparecer nesse registro escolhido, aprendido e falado pelo aluno.

### **1 Interculturalidade nas comunidades lingüísticas**

Uma comunidade lingüística que se reconheça na mesma língua vive dentro de um espaço físico populado por pessoas com as quais os seus membros tecem as suas redes de relações, estáveis e ocasionais, vivem as suas relações familiares e exercitam relacionamentos feitos de vínculos habituais como encontros com o próximo.

A comunidade local da qual se participa pessoalmente se insere em uma comunidade mais ampla à qual se é ligado por vínculos de pertinência: afinidades, perspectivas de futuro, memórias em comum, interesses políticos e econômicos, mitos e concepções imateriais tão sólidos quanto os interesses concretos.

A língua demarca as comunidades grandes e pequenas: é uma grande comunidade (uma macro-comunidade) a comunidade lingüística italiana, que dentro de si hospeda tantas comunidades menores (micro-comunidades) diversamente em contato entre elas. Além da língua e da comunidade lingüística, a pessoa pode sentir-se participante de complexos plurilingüísticos (por exemplo, a União Européia) ou da humanidade inteira; e a pertinência a um território circunscrito (ou pequena pátria) pode ser compatível (ou pode entrar em conflito) com a pertinência a uma pátria maior (por exemplo, a Itália); assim como a consciência da pátria não conflita com a de uma identidade européia ou com o sentimento de ser cidadão do mundo (cosmopolitismo).

### **1.1 As diferenças entre dialeto e língua**

Em todo o mundo romance ou neolatino, o latim vulgar se dividiu em uma multiplicidade de dialetos que podem se subdividir em grupos em base a características lingüísticas, sobretudo fonológicas, mas também lexicais, morfológicas e sintáticas.

Sucessivamente, em vários períodos, o desenvolver-se dos eventos fez com que em várias zonas da România alguns dialetos emergissem e se impusessem sobre outros tornando-se a marca de comunidades nacionais, isto é, línguas. Assim na Itália, o dialeto florentino do século XIV tornou-se a língua italiana; na França, o dialeto de Île-de-France, a língua francesa; na Espanha, o castelhano, a língua espanhola, etc.

São ambos derivados do latim, são ambos sistemas lingüísticos complexos e bem articulados, a língua italiana e qualquer um dos tantos dialetos falados na península são igualmente legítimos de criação e de desenvolvimento, são igualmente funcionais nos seus usos. Como o italiano, os dialetos refletem tradições e culturas nobres; possuem um léxico e uma gramática: há diferenças, mas são línguas para todos os efeitos.

Em geral, o dialeto é usado em uma área mais restrita em relação à língua, que é difundida em uma área mais vasta. Os motivos de tal maior expansão são culturais na Itália e políticas na França e na Espanha. As obras de Dante, Petrarca e Boccaccio deram um grande prestígio ao florentino do século XIV: esse dialeto, elevado a língua através da elaboração dos três grandes escritores, foi adotado pelas pessoas cultas e pelos centros de poder da península. Na França e na Espanha foi o poder monárquico que impôs e difundiu o dialeto usado pela corte: nasceu assim uma língua do estado e da administração reconhecida pelos súditos, mesmo que em forma de mito, como símbolo da unidade nacional.

Bourdieu (2001) afirma que diferentes evoluções fizeram com que línguas particulares se impusessem historicamente dentro de áreas geográficas particulares, sobretudo na formação dos Estados-nações modernos; durante esse período, os dialetos regionais, ou puramente orais, foram descartados e definidos negativamente em relação a tais línguas escolhidas.

A expansão de uma língua falada sobre uma área geográfica mais ampla; o fato que tal língua, tornada o instrumento da classe dominante, possa ser escrita pelos letrados, pelos órgãos da administração periférica e pelo poder central; a circunstância que mire tornar-se mais regular dando-se uma norma estabelecida pelos gramáticos e ensinada nas escolas: todos estes fatores tendem a diferenciar a língua do dialeto. Em relação ao léxico, a língua estende e perfecciona o vocabulário intelectual; o dialeto enriquece, sobretudo, as terminologias que se referem ao mundo rural. Os fatores de caráter social que distinguem a língua do dialeto são, portanto:

- a língua sofre uma codificação, vale dizer que há escolhas entre formas concorrentes e, portanto, propõem-se modelos; tal processo não ocorre, ou raramente ocorre, nos dialetos;
- a língua possui um uso escrito, que falta para a maioria dos dialetos;
- a língua goza de um prestígio social superior ao do dialeto;
- a língua adquiriu uma dignidade cultural superior a do dialeto.

Estas distinções não estão sempre presentes. Na Itália, encontramos dialetos, como o vêneto e o napolitano, que sofreram uma codificação, possuem uso escrito e uma grande dignidade cultural (obras de Goldoni e Basile). Em suma, o único critério bastante seguro para distinguir língua de dialeto é a extensão geográfica.

## **1.2 Bilingüismo e variações regionais**

Na Itália, a maior parte das pessoas que falam dialeto tem a capacidade de passar para língua (ou, em muitos casos, para uma variedade intermediária entre língua e dialeto). A passagem do dialeto para língua, ou vice-versa, depende da situação: em família, com indivíduos da mesma cidade, fala-se em dialeto; com estranhos, com indivíduos de outras regiões da Itália se tende a falar italiano (ou uma variedade regional de italiano). Em relação ao dialeto, a língua é mais adequada para tratar argumentos oficiais e/ou ligados ao progresso social e técnico do nosso tempo: relações com a administração e com o chefe, vida sindical, política, esporte, assistência técnica etc.

A imagem do dialeto, contraposto à língua, sobretudo nos dias atuais, é prejudicada. Bourdieu (op. cit.) sentencia que por oposição ao dialeto, a língua oficial beneficiou condições institucionais necessárias para a sua codificação e para sua imposição generalizadas. Assim reconhecida e conhecida sobre toda a força de uma autoridade política, contribui para reforçar a autoridade que fundamenta o seu domínio: ela define todos os membros da “comunidade lingüística”, tradicionalmente definida, depois de Bloomfield, como um “grupo de pessoas que utilizam o mesmo sistema de signos lingüísticos”, mínimo de comunicação que é a condição da produção econômica e até de dominação simbólica.

De fato, o processo de italianização dos dialetos (isto é, a sua progressiva absorção pela língua comum) explica porque é necessário falar, na maior parte da Itália, quatro variedades lingüísticas:

- italiano comum
- italiano regional
- dialeto regional
- dialeto

O italiano regional é uma variedade de italiano que possui particularidades regionais, marcadas principalmente na pronúncia. Na Itália se distinguem quatro variedades regionais principais:

- setentrional
- toscana
- romana
- meridional

Há também variedades regionais menores: a mais importante é a sarda. A existência das variedades regionais de italiano depende da italianização dos dialetos que começou depois da unificação da Itália e se desenvolveu sensivelmente a partir do último pós-guerra devido à difusão dos meios de comunicação de massa. As variedades regionais se distinguem também por algumas característi-

cas lexicais, de acordo com Bourdieu (*op. cit.*). Justamente porque possui essas variedades regionais, a língua italiana aparece mais diversificada geograficamente em relação a outras línguas européias.

### **1.3 Os dialetos se aproximam do italiano**

Nos séculos passados os dialetos conservaram-se no tempo, mudavam com muita lentidão porque faltavam ocasiões de troca entre os habitantes das diversas regiões da Itália. Somente poucos privilegiados tinham oportunidade de locomover-se de uma localidade a outra para conhecer falares diferentes do próprio. Na Idade Média, por exemplo, viajavam, sobretudo os comerciantes e aqueles que ocupavam uma posição alta na escala social (os chefes de *comune*, os embaixadores, os professores e os estudantes das universidades, os vigários, os nobres). Portanto não havia muitas ocasiões para modificar o próprio modo de falar cotidiano, o próprio dialeto. Se os dialetos permaneciam imutáveis, diferente era a situação do florentino escrito que, depois do sucesso das obras de Dante, Petrarca e Boccaccio, começou a difundir-se a com os homens cultos da península, a partir da segunda metade do século XIV.

O florentino se difundia com os letrados e centros de poder, sobretudo como língua escrita. A grande maioria dos habitantes da península continuava a usar os dialetos. Essa situação perdurou, com poucas mudanças, até a segunda metade do século XIX. Nesse período aconteceu um fato histórico e político que teve grandes conseqüências sobre o desenvolvimento da língua italiana e dos dialetos falados na Itália. A unidade da Itália (alcançada em 1870 com a conquista de Roma) fez com que o italiano, língua falada somente na Toscana e pelas pessoas cultas do resto da península, começasse a difundir-se por toda a população italiana. Isso foi devido aos seguintes motivos:

- o ensino escolástico tornado logo obrigatório;
- as migrações devido à escassez de trabalho;
- o desenvolvimento das grandes cidades, que chamava as pessoas do interior;
- o serviço militar que obrigava os jovens a deslocarem-se;
- a necessidade de compreender as disposições do Estado Novo e da administração.

A língua oficial tem ligação com o Estado, segundo Bourdieu (*op. cit.*), tanto na sua criação quanto no seu uso social. É dentro do processo de constituição do Estado que se criam as condições da constituição de um mercado lingüístico unificado e dominado pela língua oficial: obrigatório nas ocasiões oficiais e nos espaços oficiais (escola, administração pública, instituições políticas, etc) essa língua de Estado se torna a norma teórica à qual todas as práticas lingüísticas são objetivamente medidas.

A partir desse momento ao progresso da língua italiana se acompanha o atraso dos dialetos. Devido aos motivos elencados acima muitos elementos da língua italiana (particularidades da fonética e da gramática italiana, palavras italianas) entram nos dialetos. Os dialetos puros tendem a ser substituídos pelos dialetos regionais, com formas mistas entre língua e dialeto.

Essa italianização dos dialetos se trata de um fenômeno que continuou a desenvolver-se no decorrer do século XX: lentamente, mas irresistivelmente, os dialetos regionais são substituídos pelo italiano regional. Evoluiu rapidamente a partir do segundo pós-guerra devido à difusão da televisão em todas as áreas da península, alcançando até mesmo as localidades mais isoladas e a pessoas de toda idade e de toda classe social.

Além dos meios de comunicação de massa, contribuíram também outros fatores: o desenvolvimento do turismo interno, o grande processo das ciências e das técnicas, o desenvolvimento da convivência social (atividades de lazer, vida sindical, várias formas de participação do público na

geração da informação). De fato, é quase impossível recorrer ao dialeto para tratar de certos assuntos: o uso do automóvel, os problemas de saúde em relação às novas descobertas da medicina, as relações com a administração etc. Em todas essas circunstâncias a língua oferece palavras e expressões mais adequadas do que os dialetos.

## 2 Compreender o Siciliano através da contextualização

Constata-se a enorme variedade de falares italianos dentro de um país reduzidíssimo geograficamente, o que lhe confere uma riqueza cultural contrária ao seu tamanho.

Dentre todos os dialetos falados na península itálica, tivemos a oportunidade de entrar em contato com aquele falado no extremo sul, o dialeto siciliano - que tem uma grande importância no cenário cultural italiano desde o *Duecento*, quando os poetas sicilianos decidem imitar a poesia provençal, porém no seu próprio dialeto, o que constituiu uma genial contribuição para o quadro poético italiano.

Elencamos aqui exemplos desse dialeto, apresentado pelo escritor Andrea Camilleri, através do romance *La Paura di Montalbano*, de 2002.

A sicilianidade<sup>1</sup> fatta apposta no italiano standard do autor é bem visível nos exemplos seguintes:

a) **-i** no lugar de **-e** pré-tônica:

*Parlo con lei di pìrsona pirsonalmente? Mi arriconobbe? Catarella sono.* (p. 9)

*Macari lui niscì dal commissariato, si sìniva ammanicare l'aria.* (p. 93)

b) vogal final **-i**, no lugar de **-e**:

*Sissignoriì, dintra e fora.* (p. 64)

*Sissì. Cu tutta la vuci ca aviva. La mattina quannu s'arrisbigliava e la sira quanno turnava.* (p. 81)

c) **-i** no lugar de **-e** em posição tônica:

*Vedrà che arrinescio a sapìri tutto di lui.* (p. 57)

*Dindò. Non ci criòdo. Avanti, mi dicisse la verità. Cu era?* (p. 73)

d) uso do verbo no imperativo com desinência de congiuntivo imperfeito:

*Dindò. Non ci crido. Avanti, mi dicisse la verità. Cu era?* (p. 73)

e) supressão do **d** e repetição do **n** em sequência **ndo**:

*Sissì. Cu tutta la vuci ca aviva. La mattina quannu s'arrisbigliava e la sira quanno turnava.* (p. 81)

*Appena trasi la secunna porta a manca, non si può sbagliari.* (p. 320)

f) **-u** no lugar de **-o** tônica

---

<sup>1</sup> MARAZZINI (1998)

Sissi. Cu tutta la vuci ca aviva. La mattina quannu s'arrisbigliava e la sira quanno turnava. (p. 81)

g) **-ch** no lugar de **p**:

Catarella stava mettendosi a chiàngiri. (p.121)

h) uso da sequência **ddr**:

Livia, ma sì nisciuta foddri? (p.125)

Allura vossia si fa passari 'u malumuri pirchè si dovitti mangiari 'u viscottu cu l'anicci e mi cunta chiddu ca trovò dintra a 'u canteri. (152-153)

O leitor de Camilleri, mesmo desconhecendo tais tendências lingüísticas exploradas pelo autor, é capaz de compreender a mensagem do texto através do contexto no qual está inserida. Camilleri repete diversas vezes os vocábulos em situações diferentes para que o leitor possa confirmar suas hipóteses sobre o léxico de suas obras.

A Literatura é um artifício didático bastante efetivo no ensino de língua estrangeira, pois as palavras estão envolvidas em contextos significativos. Muitas vezes, é através do contexto que novas palavras podem ser descobertas, devido às redes de esquemas realizadas na mente.

É muito mais fácil para o aluno compreender o léxico dentro de um contexto que através de palavras soltas. Se o professor expõe as seguintes palavras:

ACCOMINZAMO	SVÌDIRI	ARRISBIGLIAI
SULENNI	CANGIATO	DOTTORI
SI SUSIVA	CCHIÙ	NUMMARO
SI SUSÌ	MALI	
SGRIDDRATI	PIRCHI	
VÌDIRI	ACCUSSÌ	

E pede para que os alunos digam seu significado, sem dúvida, os alunos terão dificuldades pela falta de informação. Em contrapartida, se lhes é pedido que compreendam as mesmas palavras inseridas em contextos significativos, será uma atividade mais fácil, além de prazerosa e motivadora<sup>2</sup>. Eis os contextos reais das palavras acima:

▪ *Accominzamo*, con nova promessa, sta gran *sulenni* pigliata pi fissa!" frase che il commissario usava ripetere di primo mattino quando *si susiva* dal letto.

▪ La persiana sbattè con violenza contro il muro e Montalbano di scatto *si susì* a mezzo del letto, gli occhi *sgriddrati* dallo spavento, persuaso, nel fumo del sonno che ancora l'avvolgeva, che qualcuno gli avesse sparato. In un *vidiri* e *svìdiri* il tempo era *cangiato*, un vento freddo e umido faceva onde dalla scumazza giallina, il cielo era interamente coperto di nuvole che amminazzavano pioggia

<sup>2</sup> SILVA, R. F. *Ensino de Italiano Língua Estrangeira: o papel da contextualização*. Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras, 2008. Tese de Doutorado em Letras Neolatinas (Estudos Lingüísticos Neolatinos, opção: Língua Italiana). Órgão Financiador: CNPq.

- [...] arrivati ad una barca tirata a sicco, Montalbano s'assittò sulla rena, Francois gli si mise allato e il commissario gli passò il braccio attorno alle spalle. "Io persi a me matri ch'era magari **cchiù** nicu di tia" esordì
- Pronti, dottori? E' lei pirsonalmente di pirsona?" "Si, Catarè" "Che faceva, dormiva?" "Sino a un minuto fa sì, Catarè" "E ora invece non dorme cchiù?" "No, ora non dormo più, Catarè." "Ah, meno mali." "Meno mali perché, Catarè?" "**Pirchi accussi non l'arrisbigliai**, dottori.
- Catarella aveva scritto i numeri in modo tale che il tre poteva essere un cinque o un nove, il due un quattro, il cinque un sei e via di questo passo . "Catarè, ma che numero è ?" "Quello, **dottori** . Il **nummaro** di Cacono. Quello che c'è scritto c'è scritto”.

(CAMILLERI, 2002)

## Conclusão

O signo lingüístico, sendo uma forma em movimento determinada e orientada por um contexto, vem apreendido no seu sentido particular através do seu uso. Por isso, no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, observamos que palavras descontextualizadas dificilmente são apreendidas ao passo que contextualizadas elas adquirem uma dimensão ideológica e cultural.

A compreensão é um processo ativo que envolve fatores inter-relacionados como o conhecimento pessoal do código lingüístico, as habilidades cognitivas de vários tipos e o conhecimento individual de mundo. Demonstrou-se, até então, como a informação contextual relevante desempenha um importante papel na compreensão e que as pistas extra-lingüísticas e os organizadores avançados ativam redes de esquemas apropriados para preencher os espaços vazios causados pelo conhecimento imperfeito do código lingüístico.

Sempre se faz necessário enquadrar em contextos semântico-pragmáticos realísticos todas as atividades desenvolvidas em classe. Assim, o professor será capaz de “*accoppiare il dire e il fare*”, privilegiando “*quel dire che è anche fare e che produce azione come avviene con le promesse, i divieti, gli ordini, le minacce, ecc*”<sup>3</sup>

Portanto, trata-se de enfocar o texto em seu funcionamento e em seu contexto, evidenciando as significações geradas mais que as propriedades formais que dão suporte a funcionamentos cognitivos.

## Referências Bibliográficas

- [1] ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities*. Londres-Nova Iorque: Verso, 1983. (*L'imaginaire National. Réflexion sur l'origine et l'essor du nationalisme*. Paris: La Découverte, 1996. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989).
- [2] BOURDIEU, Pierre. *Langage et pouvoir symbolique*. Paris: Fayard, 2001.
- [3] CAMILLERI, Andrea. *La paura di Montalbano*. Milano: Mondadori, 2002.

<sup>3</sup> Freddi (1990, p. 134-135, passim)

- [4] COVERI, L., BENUCCI, A., DIADORI. *Le varietà del repertorio linguistico italiano*. Roma: Bonacci, 1998.
- [5] DARDANO, M. e TRIFONE, P. *Grammatica italiana*. 3 ed. Bologna: Zanichelli, 1999.
- [6] DE MAURO, Tullio. *Come parlano gli italiani*. Firenze: La Nuova Italia 1994.
- [7] ECO, Umberto. *La ricerca della lingua perfetta*. Roma: Laterza, 1993.
- [8] FREDDI, Giovanni. *Azione, gioco, lingua. Fondamenti di una glottodidattica per bambini*. Padova: Liviana, 1990.
- [9] HUMBOLDT, Wilhelm von. *Sur le caractère national des langues*. Paris: Seuil, 2000. (Über den nationalen Charakter der Sprachen, in *Gesammelte Schriften*. Berlin: Behr, 1903-1936).
- [10] MARAZZINI, Claudio. *La lingua italiana. Profilo Storico*. Il mulino, 1998.
- [11] SILVA, Rafael Ferreira da. *Ensino de Italiano Língua Estrangeira: o papel da contextualização*. Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras, 2008. Tese de Doutorado em Letras Neolatinas (Estudos Lingüísticos Neolatinos, opção: Língua Italiana). Órgão Financiador: CNPq.
- [12] SOBRERO, A. *Introduzione all'italiano contemporaneo*. Le varietà e gli usi. Bari: Laterza, 1998.
- [13] SORELLA, A. *Manualetto di dizione*. Proposte per un' educazione linguistica nell'Italia che si riscopre razzista. Pescara: Libreria dell'Università Editrice, 2001.



<sup>1</sup>**Autor(es)**

**Rafael Ferreira da SILVA, Prof. Dr.**

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas

[rafarjbr@gmail.com](mailto:rafarjbr@gmail.com)